

A ACESSIBILIDADE EMOCIONAL

Relatos memoriais no Museu Vivo do São Bento

Adriana L. Guilhermano¹ e Cristina Calvão²

Resumo

Tendo em perspectiva o quadro do envelhecimento da população brasileira vemos que as demandas e perspectivas destes não se refletem na realidade espacial das cidades brasileiras tanto no campo físico, ao que se refere às questões de acessibilidade, bem como ao campo subjetivo. Neste sentido, este artigo propõe um debate ao que tange temas da acessibilidade emocional para fruição e participação social do idoso em percursos museais, estendendo estas percepções para uma escala urbana do bairro e até mesmo da cidade fluminense de Duque de Caxias, possibilitadas pelo estudo de caso do ecomuseu de percurso Museu Vivo do São Bento. Como forma de acessar as experiências subjetivas destes lugares, indicando possibilidades para uma acessibilidade plena do museu, foi utilizada a metodologia de percursos comentados proposta por Jean Paul Thibaud, pelo qual as autoras entendem ter acessado as ambiências sensíveis dos lugares do museu, e pela qual compartilharemos aqui nossas análises.

Palavras-chave: idoso, acessibilidade emocional, ambiência, atmosfera, lugar.

EMOTIONAL ACCESSIBILITY

Memorial narratives in the Museu Vivo do São Bento

Abstract

In view of the scenario of the aging of the Brazilian population, we see that their demands and perspectives are not reflected in the spatial reality of Brazilian cities both in the physical field, with regard to accessibility issues, as well as the subjective field.

In this sense, this article proposes a debate on issues of emotional accessibility for the enjoyment and social participation of the elderly in museums, extending these perceptions to an urban scale of the neighborhood and even the city scale, in case of fluminense city of Duque de Caxias, made possible by the study of case of the Museu Vivo do São Bento ecomuseum. As a way of accessing the subjective experiences of these places, indicating possibilities for full accessibility of the museum, the methodology of commented paths proposed by Jean Paul Thibaud was used, by which the authors understand that they have accessed the sensitive ambiances of the places of the museum, and by which we will share our analysis here.

Keywords: elderly, accessibility, ambience, atmosphere, place.

¹ Arquiteta e Urbanista graduada pela UFRGS, mestranda do Programa de Pós Graduação em Arquitetura PROARQ/UFRJ.

² Pós graduada em Gestão Ambiental pela Universidade Estácio de Sá e Mestranda da UFRJ/FAU/PROARQ em Projeto e Patrimônio. Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pelas Faculdades Integradas Silva e Souza (1994). Arquiteta e Urbanista da Prefeitura Municipal de Duque de Caxias.

Introdução

O envelhecimento populacional é uma realidade enfrentada por muitos países no mundo dentre os quais se encontra o Brasil, onde segundo dados do IBGE, o país manteve a tendência registrada desde as quedas de taxa de fecundidade dos 1980 e aumento da longevidade. Em 2017 a população formada por pessoas na faixa dos 60 anos ou mais já era de 30,2 milhões, sendo os estados do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul aqueles que possuem a maior proporção de pessoas idosas, com 18,6% de sua composição populacional formada por este grupo.

No que tange a inclusão das pessoas idosas nas cidades brasileiras vemos que o quadro não é nada animador. Apesar de o país seguir a tendência de revalorização da pessoa idosa a partir do séc XX (FERNANDES, 2000), tendo como marco deste reconhecimento no país a Política Nacional do Idoso (Lei n.º 8842 de 4 de janeiro de 1994 regulamentada pelo Decreto Nº 1948 de 3 de julho de 1996), pesquisas apontam que em termos espaciais este reconhecimento não se reflete. Ao contrário, estima-se que 65% das cidades não estão preparadas para a circulação destes, sendo apenas 6% aquelas que oferecem boas condições de participação social.

Tal situação é agravada quando nos debruçamos sobre a perspectiva de globalização das cidades onde os processos de aumento de fluxos nos processos de informação, negócios, tecnologia e cultura torna as pessoas mais interconectadas, ao mesmo tempo que “extremamente vulnerabilizados em seus vínculos relacionais de inclusão e pertencimento.” (CARVALHO, 1998; apud FERNANDES,2000). Para Carvalho (1998), neste processo, não seriam mais apenas mercadorias que são descartáveis mas segmentos inteiros de população.

No caso dos idosos, segundo Birman(1995), a velhice passa a ser marginalizada por sua perda de capacidade produtiva a partir da Revolução Industrial, deixando de ser um consumidor potencial da cidade moderna que tem sua produção espacial atrelada ao “valor de uso” (LEFEBVRE, 1991) ou seja, de produto. Dessa forma vemos refletida na cidade, cenário e produto das relações sociais (LEFEBVRE, 1991; SANTOS, 1996), uma produção do espaço excludente, baseada no homem produtivo ideal, muito embora este ideal não represente a maioria na composição das populações que habitam as cidades.

Em termos de produção cultural das cidades ela também é afetada por essa relação de mercantilização. Encarada como processo de acumulação dentro da dinâmica de globalização, iremos assistir a partir dos 1990, uma nova fronteira de exploração da culturalização (FERNANDES, 2006). Nesta, veremos um “processo de colonização do tempo histórico” enquanto objeto de consumo (FERNANDES, 2006, p. 53) nos processos de adequação da memória e da história (NORA,1993), dentro de uma perspectiva de descolamento social do passado e valorização do presente.

Segundo Fernandes (2006), seriam medidas contra-hegemônicas desse processo de acumulação da cultura, iniciativas que advenham de um viés territorial e comunitário, num sentido de inclusão ao direito à cidade, indo contra o processo especulativo da “cenarização” do cotidiano.

O “Ecomuseu de Percurso” do Museu Vivo do São Bento situa-se no bairro São Bento, município de Duque de Caxias, Baixada Fluminense no estado do Rio de Janeiro. Encontramos no Ecomuseu de Percurso exemplares históricos, que narram a memória de uma sociedade, dentro de um espaço urbano sequenciado e que exposto segundo um tema, formam assim, um percurso a ser apreciado.

O museu foi criado em 2008 e engloba em seu percurso construções de diversas fases da história deste lugar, dentre elas um sítio arqueológico com sambaquis datado de 4.000 AP, passando por um Complexo Beneditino do Séc. XVII e XVIII tombado pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e um Núcleo Colonial instituído por Vargas em 1932. Para além da finalidade de constituir um espaço patrimonial importante, ele se coloca, segundo a Lei Municipal 2224/2008, com o intuito de:

[...] fortalecer a defesa do patrimônio material e imaterial, afirmando o território como lugar de memória, assegurando os sujeitos históricos como construtores de seu tempo, fortalecendo o sentimento de pertencimento e coletividade e investigando as heranças herdadas para as futuras gerações, segundo a realidade social, ambiental, econômica e cultural do território e o envolvimento das comunidades locais (Lei Municipal 2224/2008).

Dessa forma, as autoras entendem que tanto a fruição desse relevante patrimônio, quanto os objetivos do museu enquanto instituição, que se quer incluída no pertencimento da comunidade, passam pelas questões da acessibilidade. Uma vez que parcela importante da população brasileira, e principalmente, do estado do Rio de Janeiro, segue as tendências do processo de envelhecimento, se faz necessária a adequação dos espaços deficientes (COHEN; DUARTE, 2013) a uma acessibilidade universal, garantindo o acesso e usufruto a todos os cidadãos.

Quando falamos em acessibilidade universal nos referimos a espaços que considerem o maior universo de pessoas e atividades possível. Portanto, não se trata da criação de acessibilidade somente para os idosos, mas sim que suas particularidades sejam também consideradas. No caso de percursos museográficos, as pesquisas desenvolvidas por Cohen, dão conta de que estes espaços “são fontes inesgotáveis de informações através de todos os sentidos em conjunto” (COHEN; DUARTE; BRASILEIRO, 2010, p. 189), existindo ambiências museais formadas do conjunto de espaços sensoriais, corporais, emocionais e imagéticos em todos nós.

Sendo o Museu Vivo do São Bento um ecomuseu e como tal, possuidor de um percurso em escala do bairro, entende-se que os temas da acessibilidade universal englobarão temáticas de um contexto urbano. Assim, para sua fruição plena e criação de laços de pertencimento para com a comunidade, compreende-se necessárias investigações ao que tange a temática das ambiências sensíveis desses lugares.

Nesse sentido, o artigo propõe um debate ao que tange aos temas da acessibilidade emocional do lugar, entendendo o lugar como sendo um ponto de articulação entre local e mundial (CARLOS, 1996, p.16), dentro dos processos de globalização, dotado de simbolismos individualizados ou coletivos onde sobre este (QUEIROGA, 2007, p.83), se realizam ações topofílicas (TUAN, 1974).

Objetivando demonstrar a importância dos relatos memoriais para a acessibilidade do patrimônio no caso do Museu Vivo do São Bento, trabalharemos com as ambiências sensíveis destes lugares museais através da metodologia de percursos comentados (THIBAUD, 2002). Dessa forma, acreditamos estar contribuindo com a democratização do museu no que tange a função social do espaço e na conformação de lugares da memória coletiva do bairro, bem como com o enriquecimento das pesquisas em desenvolvimento pelas autoras.

Acessibilidade Emocional: uma abordagem através dos lugares

Conforme já abordado nesse artigo as condições de acessibilidade das cidades brasileiras deixam muito a desejar, apesar do país possuir legislação avançada no tocante ao tema. Falando especificamente da população idosa veremos que as principais dificuldades para um acesso pleno e participação social se encontra em função da sua mobilidade reduzida que também reside na questão temporal.

Tal fator de exclusão se encontra no fato de nas sociedades modernas haver uma aceleração do tempo e compressão do espaço (SANTOS, 1996), tendo como uma das consequências o tempo presente ser visto como uma ruptura com o passado (NORA, 1993, apud FERNANDES, 2006). Para o idoso, isso se desenrola numa relação perversa em que a sociedade, vivencia o tempo como linear, buscando sempre o novo, sem se importar com o passado, e desta forma, com os indivíduos que o representam (CARVALHO, 1998, apud FERNANDES, 2000).

Julieta Fernandes (2000), ainda nos dirá que o fator globalização atua majorando esse efeito excludente, pois:

[...] quanto maior e mais global a cidade, mais acelerado é o ritmo e hostil o ambiente. O idoso, com a lentidão imposta por suas condições físicas, se expõe aos riscos de acidentes e quedas, e sente falta da gentileza urbana (FERNANDES, 2000, p.36).

Desta forma, vemos que a temporalidade da vida moderna atua sobre o corpo idoso tanto na impossibilidade de acesso e circulação deste, quanto do convívio socioespacial do sujeito enquanto subjetividade e memória.

Segundo Lefebvre (2000), o espaço, na modernidade, atua duplamente como produtor e reprodutor, gerando espaços ao redor dos centros, indiferenciados, desintegrados e fraturados por suas funções. Por essa acepção, a cidade, enquanto centralidade, tende a suplantir a concepção de “lugar” no sistema de interações sociais constituindo-se apenas como atualização e reprodução das relações sociais (SOUSA, 2015), tendo por base esse espaço, possuidor de normas e valores (LEFEBVRE, 2000).

Daí a importância segundo o autor, em termos de extensível direito à cidade, de se debruçar sobre as práticas do cotidiano. Este, enquanto “espaço vivido”, território das experiências vividas, potência e prática (LEFEBVRE, 1991), englobando o corpo como mediador entre o ego e o espaço de forma prático-sensível (LEFEBVRE, 2000).

Neste sentido, ao nos voltarmos para acessibilidade emocional do Museu do São Bento, entendemos que a pesquisa aponta para os lugares, espaço transformado através da experiência subjetiva no espaço (TUAN, 1974), como um caminho de promoção de uma participação social plena, não somente para os idosos, mas para o conjunto dos habitantes. Pois, como expõe Duarte; Cohen (2018b), para além de permitir o acesso físico, os espaços com acessibilidade emocional, “também acolhem seus usuários de forma a fazê-los desenvolver afetividade e identificação com a cidade onde habitam” (COHEN; DUARTE, 2018b, p. 88).

Para melhor compreensão de como a interação entre corpo, subjetividade e espaço atuam na conformação de lugares (aqui sob a forma de lugares da memória), com acessibilidade emocional, estaremos desenvolvendo a seguir os conceitos de ambiência, ambiência sensível e acessibilidade emocional.

Ambiência e ambiência sensível

Ao iniciarmos a pesquisa com os idosos, durante todo percurso pudemos perceber que suas falas eram pausadas, sempre quando se aproximavam do lugar. É como se eles esperassem a ambiência adentrar em seus corpos e aí sim iniciavam-se os relatos. Mas o que é ambiência? Como conseguimos identificá-la? Como definir ou conceituar ambiência?

Para a Política Nacional de Humanização, ambiência é o espaço físico de relações interpessoais, que devem estar voltados para a ação do acolhimento humano, onde os espaços físicos devem estar saudáveis, proporcionando conforto e encontro entre sujeitos (BVS, 2009). Neste caso a ambiência está muito voltada ao conforto do espaço construído, cor, luz, textura, cheiros, componentes que transformam o espaço estimulando as percepções. Mas os espaços apenas não podem construir uma ambiência, ela deve vir acompanhada do fenômeno da relação de troca existente entre o usuário e o espaço. O cenário poderá existir e estar preparado, mas faltam os sentidos, o sentimento, sem eles não são criadas as atmosferas que despertam as ambiências.

Para Duarte (2013), a definição de ambiência está muito mais voltada para o campo do empirismo do que o teórico, sendo este um conceito difícil de se explicar. Mas isso vem mudando, desde quando se voltou o olhar para o usuário e suas experiências mais íntimas no ambiente. O trabalho de projetar os espaços, sempre foi voltado para seus aspectos mais formais, cor, vento, normas, áreas e tantas outras. Com as pesquisas sobre ambiência e suas características sensíveis, isto vem mudando, foram criadas novas formas de pensar os espaços (DUARTE,2013).

Temos buscado conciliar os parâmetros formais em acordo com os sentimentos, com os sentidos, com as experiências sensoriais. O aprofundamento nestas pesquisas, vêm contribuindo e vice versa com o melhoramento dos espaços, especificamente no âmbito da acessibilidade, tendo em vista que a acessibilidade é um ato de observância aos sentidos.

E os espaços urbanos? Segundo Thibaud (2002), as transformações em que as cidades vêm passando, demandam novos interesses, principalmente os que se referem aos ambientes sensoriais, com a busca das sensações, das percepções, das ambiências. (THIBAUD,2012). Além de afirmar que a “ambiência é definida pelo espaço tempo experimentado pelos sentidos”(THIBAUD, 2012, p. 9).

Quando as pessoas compreendem os espaços e conseguem se relacionar com ele através de suas próprias experiências, percebemos a existência de uma ambiência sensível. Quando caminhamos ou observamos determinados lugares onde reconhecemos aspectos específicos, nos conectamos a memória e a partir daí relatamos acontecimentos sobre o lugar. Neste sentido, o Museu Vivo do São Bento, se torna este lugar de ambiência sensível, quando a memória de sua comunidade retorna no modelo dos relatos, não só observados, mas nos relatos sentidos e percebidos nas expressões dos personagens do lugar, que neste caso, foram seus idosos.

Acessibilidade emocional

São tantos os significados adotados para acessibilidade na atualidade, que a condição tem sido utilizada muitas vezes apenas com o viés de marketing por alguns espaços. Por muitas vezes tais condições também são adotadas apenas por buscar conformidade com as normas, tendo como consequência a acessibilidade não estar pensada em

acordo com o que seu próprio nome determina. Tais condições são apresentadas como acessíveis, porém não exprime preocupação em ser inclusivo.

Para os pesquisadores da área se assume que o espaço deve ser naturalmente ocupado igualmente por todos sendo necessário despertar, “percebendo” e “vendo” o que acontece em nosso entorno. Colocar nossos sentidos em alerta apreendendo o que de fato importa. O que ocorre quando utilizo este lugar? O que este lugar me traz de importante? É neste sentido que queremos demonstrar uma das condições mais importantes para acessibilidade, a acessibilidade emocional. No nosso entendimento se torna muito claro que um termo complementa o outro, um termo anda de mãos dadas com o outro.

Em suas pesquisas, Duarte e Cohen, tem afirmado que acessibilidade em sua condição mais universal, transmite a seus usuários sentimentos de acolhimento, de respeito às condições emocionais, afetivas e intelectuais, estabelecendo a proximidade entre o usuário e o lugar (COHEN; DUARTE, 2018a), conceituando o termo acessibilidade emocional como:

[...] “Acessibilidade Emocional” significa, [...] a capacidade do Lugar de acolher seus visitantes, de gerar afeto, de despertar a sensação de fazer parte do ambiente e de se reconhecer como pessoa bem-vinda [...] (COHEN e DUARTE, 2018a).

Para tais autoras, este conceito coloca em xeque a ideia de uma acessibilidade que ocorra apenas com a supressão das barreiras físicas, não sendo possível um espaço ser considerado acessível sem antes considerar a acessibilidade emocional, aquela que “engloba toda a ambiência que envolve o usuário do lugar, tratando-o como um ser total, capaz de ativar sistemas complexos de relação com o espaço e com o Outro”(COHEN e DUARTE, 2018a).

Desta forma, esta pesquisa se desenvolve com o intuito de demonstrar que a acessibilidade emocional é uma das ferramentas mais importantes no ramo da acessibilidade. Através desta ferramenta entendemos que pode-se despertar o interesse pelo patrimônio, tornando-se de grande relevância o envolvimento emocional ao se tratar da percepção de idosos.

Ao relatar os fatos e acontecimentos do lugar, estes usuários, que também são personagens deste cotidiano, conseguem acessar e trazer para a superfície a ambiência adequada e “verdadeira”. Esta percepção pode ser alcançada nos relatos feitos pelos idosos da comunidade, ao descreverem cheiros, cores, sons e todas essas emoções vivenciadas nos lugares do percurso.

A experiência sensível do Lugar

Como forma de aprofundar a percepção do ambiente sensível contido nos lugares do percurso museal, foi utilizada a metodologia de percursos comentados proposta por Jean-Paul Thibaud(2002). Para o autor, há a necessidade de retornarmos para o lugar, aquele que envolve de um lado sempre uma natureza expressiva e por outro a orientação dada pelo próprio corpo do sujeito, sendo o método de percursos comentados uma maneira de “mobilizar [...] as habilidades reflexivas”, deixando que “o próprio lugar e a jornada acenda a faísca da fala”. (THIBAUD, 2002. p 4, tradução nossa).

O autor coloca ainda que abordagens de pesquisa que empregam métodos de

descrição narrativa só tem sentido quando contextualizadas em conjunto com as percepções de gestual, entonação, olhares, e sobretudo “no contexto dos lugares e circunstâncias em que se desenrola” (THIBAUD, 2002. p 1, tradução nossa). Partindo dessas considerações, a metodologia foi aplicada neste trabalho de forma a obter os relatos memoriais contextualizados e inseridos na conformação dos lugares museais do São Bento.

Para tal, foi elaborado previamente um trajeto a ser percorrido em conjunto com os participantes de maneira a inseri-los nas ambiências do museu. Nosso percurso teve início na área onde hoje se encontra a sede administrativa da FEDUC, onde está localizada a antiga Casa do Administrador do núcleo colonial. De lá, partimos para a área das tulhas agrícolas; Complexo Beneditino (onde se encontram a antiga sede da Fazenda São Bento do Iguaçú; Capela Nossa Senhora do Rosário dos Homens de Cor e a sede da Mitra Diocesana que outrora funcionava como escola fundamental); Antiga Farmácia, que funcionava como centro de referência em saúde do núcleo colonial e, após sua extinção, foi transformada em centro de recuperação de jovens conhecido como Renascer; a Sede do Museu e finalmente o Clube São Bento.

No caso estudado, por tratarmos de um percurso longo, e de realizarmos ele em companhia de pessoas idosas, foi necessária adaptação do método, sendo ele feito em parte com o auxílio de automóvel. Tal adaptação também diz respeito às poucas condições de acessibilidade física no bairro, levantadas em diagnóstico prévio realizado por uma das autoras, fruto de pesquisa em desenvolvimento sobre acessibilidade universal do Museu.

Nesta forma de aplicação da metodologia o percurso a pé ocorreu somente nas áreas imediatas dos pontos de parada predeterminados (ilustrados no mapa acima), onde as pesquisadoras se deixaram ser guiadas pelo caminhar dos participantes. Já nos trechos percorridos entre estes pontos de parada, onde foi feita a utilização do carro,



Figura 2- J. Narra acontecimentos passados durante trajeto de automóvel. Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2020.

o percurso tinha uma maior limitação porém tentamos viabilizar que desvios, paradas, e entradas em ruas adjacentes ocorressem conforme a vontade expressada pelos participantes em suas narrativas (que continuavam dentro do automóvel).

Para registro das falas foi utilizado apoio da gravação em vídeo pela possibilidade de obter material tanto do conteúdo narrativo quanto das expressões corporais. A partir do material levantado foram feitas análises buscando compreender os componentes fenomenológicos e subjetivos dos lugares presentes na expressividade dos pesquisados. Fator importante na utilização da etnometodologia proposta por Thibaud é que também o corpo do pesquisador encontra-se imerso nas condições de ambiência sensível dos lugares. Assim, buscando apreender essas percepções também a impressão imediata ao percurso das autoras foi alvo de registro para complemento das análises. Tudo aqui era São Bento

O município de Duque de Caxias se localiza na região metropolitana do Rio de Janeiro, na Baixada Fluminense. Segundo censo de 2010 a cidade possuía 855,048 habitantes, onde estima-se, por dados da CEPERJ (2013 in LOUREIRO; SINAY; et all), que 10% destes seja composto por população idosa. (LOUREIRO; SINAY; et all. 2017) Dividido em quatro regiões administrativas dentre as quais o distrito de Campos Elísios, onde se localiza o Bairro de São Bento.

Iniciado o trajeto, conforme já exposto em a experiência sensível do lugar, percebemos que as primeiras falas estavam condicionadas por aquilo que os participantes acreditavam ser o que gostaríamos de ouvir, com informações relacionadas ao espaço da Casa e seu entorno imediato. Porém, conforme a entrevista foi se desenrolando, com perguntas relacionadas às sensações que aquele local os fazia lembrar, entendemos que o ambiente sensível da memória pôde ser acessado.

Conforme Duarte (2008), é papel da ambiência evocar “os resíduos memoriais de seus usuários” (DUARTE et al., 2008, apud MENEZES, 2017, p.27). Dessa forma, podemos ver a potencialidade do ambiente sensível e dos componentes da memória impressos nos sujeitos quando imersos em tais ambiências.

Isso pode ser verificado em alguns momentos, destacamos as sensações verificadas quando D. nos conta em tom de fofoca os fatos que ocorriam na antiga fábrica de querosene, localizada em frente a FEDUC:

O Dono [da fábrica], que era um alemão [...] Outra coisa, isso eu tenho até medo de falar, deixa eu falar bem baixinho [...] mas mais

Figura 1- Trajeto do percurso comentado. Fonte: GoogleMaps com alteração das autoras, 2020.

Trajeto: Percuso Comentado



01_ Casa do administrador
02_ Tulha Agrícola

03_ Complexo Beneditino
04_ Renascer

05_ Sede do Museu do São Bento
06_ Clube

ali embaixo, isso já não existe mais, mas fazia parte, o sítio dos dois leões [...] eu fui, eu não sei se o J. foi, eu fui muitas vezes, eles promoviam uns churrascos.[...] Mas olha só, a cabeça. Porque que eles promoviam esse churrasco? Porque, imagina quem veio aqui nesse sítio? Um político?! Aqueles políticos que foram, é na época da ditadura... O Luís Carlos Prestes [cochicha] (D. em entrevista realizada pelas autoras, 16 de janeiro 2020).

Durante esta fala verificamos que o sentimento de retorno ao passado vivenciado por D. era tão grande, que ela reviveu o sentimento proibitivo de falar desses encontros. Podemos notar que J. também se sentia nervoso em falar de assunto por tanto tempo proibido, se atendo somente a rir.

O dono, era alemão. Ai eles faziam isto, queriam expandir o comunismo. De que forma, era todo mundo pobre aqui, rico aqui [aponta para a casa do administrador] era a casa. Então era pobre, então como é que eles faziam? [...] Então eles faziam esses churrascos. As "criança" aproveitavam [aponta pra si], os adultos ouviam. Não sei se algum adulto se tornou [não fala a palavra comunista]. Não sei. Porque daí logo depois, começou a ser mais perseguido, virou uma coisa bem mais fechada, aí até a gente deixou de ter acesso. Mas por tudo isso a gente passou (D. em entrevista realizada pelas autoras, 16 de janeiro 2020).

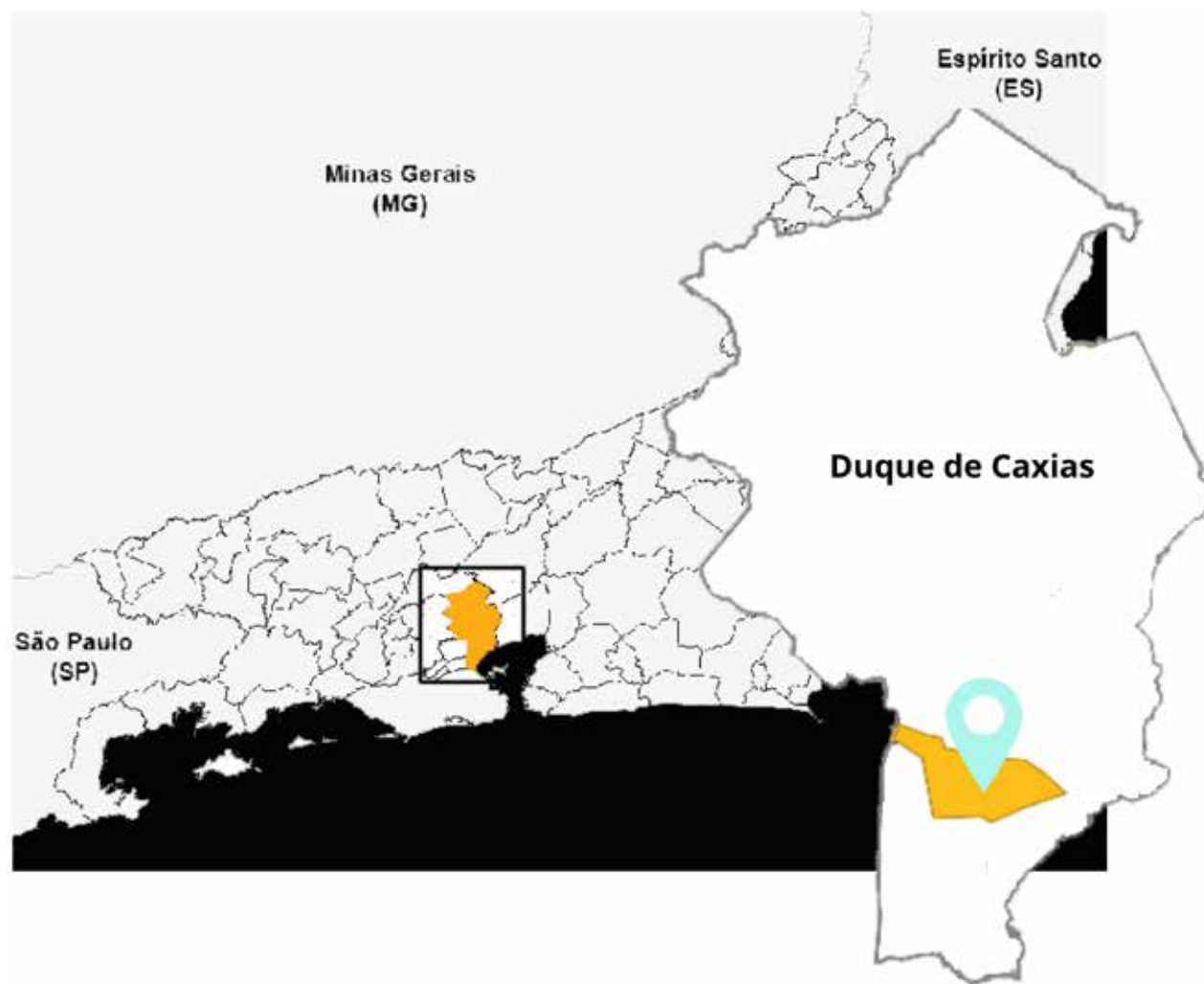


Figura 3- Localização de Duque de Caxias e do Bairro São Bento. Fonte: Atlas Escolar do Município com alteração das autoras/ produção das autoras, 2020.



Figura 4- D. tapa a boca ao falar de Luís Carlos Prestes. Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2020.

Também foi percebido em vários pontos do percurso que a dimensão geográfica do Bairro São Bento não condiz com a experienciada pelos participantes:

Hoje a gente fala, reduzindo São Bento a só isso aqui. Mas, isso aqui, por aqui tudo era São Bento! É, é, então tudo a gente conhecia. Então, isso que a gente fala, só isso aqui [gaguejando]. Mas no nosso tempo, nosso tempo de criança, de jovem, São Bento era tudo. Era Lote XV, era Belford Roxo - ia até lá no Amapá [...], quase chegando a Petrópolis, Magé, isso aqui tudo era São Bento (D. em entrevista realizada pelas autoras, 16 de janeiro 2020).

Tais narrativas colocam que o sentimento de pertencimento dos participantes ultrapassa os limites geográficos estando atrelado às relações constituídas por eles na experiência dos lugares. Pode-se notar também, que sua identidade se encontra atravessada pelas modificações perpetradas pelo passar do tempo e consequente desenvolvimento do bairro. Nas falas dos participantes iremos encontrar muitas vezes a referência ao progresso como agente transformador das relações sociais, das atividades e do substrato:

Nos fundos da minha casa tinha o rio. Puxa, ali nós "tomava" banho mas tinha que olhar por causa dos "jacaré". Mas depois fizeram a linha [do trem], aí acabou o rio... O progresso né, as vezes atrapalha. E a linha não prestou pra nada, só prestou pra gastar dinheiro, até Minas Gerais. Vinha tudo passando por ali, o desastre ali no lote XV, depois foi tudo substituído pelos ônibus (J. em entrevista realizada pelas autoras, 16 de janeiro 2020).

Conforme coloca Uglione; Duarte (2011), a memória é " uma ferramenta convocada a trabalhar"(DERRIDA apud UGLIONE; DUARTE, 2011) nos lugares onde houveram rupturas de identidade e rasgos de reconhecimento, sendo estas memórias lugares de ficção onde se reinventam significados (UGLIONE; DUARTE, 2011). Desta forma o discurso saudosista está trabalhando neste campo ficcional, onde o passado, tempo de juventude, é visto como um ideal do espaço.

D:Foi bom lembrar esse pedaço aqui. É triste ver do jeito que tá... No tempo que as coisas eram mais difíceis, pareciam que as coisas eram mais fáceis.

J: Parecia que era difícil, mas a gente era feliz. É que a gente queria mais...

D: Hoje as coisas são mais fáceis, no entanto se tornam mais difíceis, não é? Eu não entendo a dificuldade de manter isso aqui [aponta para o jardim] preservado (Diálogo captado em entrevista realizada pelas autoras. 16 de janeiro 2020).

Com relação ao significados atribuídos aos lugares, podemos ver que alguns deles exerceram maior força sobre os relatos memoriais de D. e outros em J. Também verificamos que a maior parte dos relatos de D. encontravam significado na infância, em muitas vezes era difícil obter relatos relacionados a outras épocas vivenciadas por ela.

Cristina: A senhora trabalhava com o que aqui?

D: A gente era criança, não trabalhava com nada. Ah! Depois eu cresci, a gente vai ficando com mais idade, aí a gente cresce, aí trabalhei (Diálogo captado em entrevista realizada pelas autoras. 16 de janeiro 2020).

Já para J., a maior parte dos relatos tinham lugar em sua juventude. Para ele a vivência do bairro parece ter relação com as atividades de lazer e trabalho. Tal diferenciação pode ser notada no diálogo abaixo:

Cristina: E o senhor seu J., o que o senhor lembra daqui?

J: A gente trabalhava nos três turnos, aí tinha separação de material. [...] Do lado ali tinha a cooperativa aí eu ia de "bicicreta" eu ia pra tudo quanto é canto (risos)

D: a gente andava muito quando era criança!

J: Não tinha assalto não tinha nada!

D: E a gente andava a noite. Eu me lembro que a gente era criança [...] ia uma mulher, um monte de criança. Nós "saímos" daqui, ia lá pra Vila Rosário [...] Quando era umas tanta da noite vinha minha cunhada. Minha cunhada e um monte de criança. E você não via, sem medo de encontrar ninguém na rua. Se encontrava era boa noite, boa noite, e



Figura 5 - D. se recorda do jardim. Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2020.

tudo bem, todo mundo se conhecia [...] E assim foi a nossa infância! (Diálogo captado em entrevista realizada pelas autoras. 16 de janeiro 2020).

Tal diferenciação pode ter lugar no sentimento de liberdade diferenciado para D. e J. D. expressa por várias vezes que "a gente viva livre", "A nossa infância foi de liberdade", "a gente corria por tudo aqui, mais uma vez, a gente era livre! Nós fomos criados conhecendo liberdade" (trechos de falas de D. em entrevista, 2020). Já para J. a sensação de liberdade veio com o trabalho e a diversão, o que num estudo mais aprofundado poderia indicar um marcador de gênero da vivência destes espaços.

Outro marcador indicado nestas vivências, faz referência a às relações de poder que estiveram presentes na experiência de J. e D. Elas foram expressadas por vários momentos mas tiveram mais força quando relacionadas à escola do complexo beneditino e ao clube:

J: São Bento clube. Tinha tudo! Era cinema, era teatro. Tinha tudo. E o futebol era melhor do que o do Rio! Não tinha, ali, chegava ali, São Bento ganhava. [...] Aquele clube ali [risos] e o baile! Até Tenório. Eu nunca vi um "home" dançar assim, com os pezinhos assim [gesto com os dedos]. Eu falei assim: - não dá pra disputar! Só dava gente grande, Gastão Reis...

D: Pessoas influentes de Caxias

J: Aí eu ficava na "abinha", eu falava bom, a hora que eles não estiverem eu vou [risos] (Diálogo captado em entrevista realizada pelas autoras. 16 de janeiro 2020).

Quanto aos aspectos físicos dos locais, os participantes externaram ressentimento em relação a falta de cuidado com os jardins e edificações. D. fez muitas referências a características que remetiam sua experiência prático- sensível no espaço, elencado elementos naturais para expressar o prazer que possuía na fruição do espaço, em oposição ao descuido, às diferenças com que são tratados os espaços à margem dos centros e aos problemas que a modernidade trouxe, ficando ilustradas nas falas abaixo:



Figura 6 - J. Rememora o futebol no São Bento Clube. Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2020.

A gente foi criado aqui, então vou falar novamente o que eu falei lá atrás: é uma pena, uma pena. [...] E todos que foram criados aqui vão dizer: é uma pena que algo que seria bom, porque foi bom pra nós, poderia continuar sendo bom pra outras crianças, tá de uma forma dessas [...] Porque eu penso que a política do nosso país é injusta, porque lá na Zona Sul [do Rio de Janeiro] tudo é reformado e tudo é lindo. Se lá tem uma história, São Bento também tem uma história, né?! (D. em referência à casa e capela do complexo Beneditino, entrevista em 16 de janeiro de 2020).

D:[...] A areia daqui, [...] a areia, não era terra, era areia. Era assim [aponta]

Cristina: espelhada?!

D: Isso. Ah, era bom! Era bonito. [...] Ah, só andava descalça, menina! Hoje em dia eu não consigo mais andar descalça, mas naquele tempo... Como era bom correr na areia, a gente corria. A gente não tinha medo de caco de vidro, de espinho, tinha medo de nada disso (D. em entrevista em 16 de janeiro de 2020).

O cheiro... Certamente eu não sentia o cheiro que eu sinto hoje. Que "é" os ônibus passando por aí ó, e a fumaça.

E o som... imaginem, um lugar com árvores, um lugar que ao fundo tinha frutas plantadas. Qual o som que a gente poderia ouvir aqui? Pássaros! Tinha muitos [...] Aqui tinha uns passarinhos que hoje a gente nem vê mais. Tinha uns, tiê-sangue, né J.?! Tinha muitos, muitos pássaros. Então é o som, som maravilhoso! Por que vem da parte de Deus. E o cheiro, da natureza, é cheirosa, a natureza não é fedorenta não (D. em entrevista em 16 de janeiro de 2020).

Apesar dos relatos memoriais apresentarem um discurso saudosista, também podemos verificar nas falas que eles têm uma boa relação com o presente. Suas narrativas apenas evidenciaram o descolamento que sentem em relação a um bairro que se desenvolveu sem ter cuidado com o que lhes era caro, que dava brio ao núcleo apesar de rural. Da mesma forma, os relatos também expressaram um certo desconforto com a inserção de pessoas desconhecidas na comunidade e também com a dificuldade de andar pelo bairro.

Considerações finais

O trabalho propôs uma análise dos lugares museais do São Bento através das narrativas memoriais de seus habitantes idosos, como forma de compreensão da acessibilidade emocional possível, acessada por meio das ambiências. Tal processo considerou que acessibilidade emocional é o conjunto de aspectos, que envolvem todas as características humanas relacionadas aos sentidos e as emoções. Compreendendo que ela é primordial para a sobrevivência do patrimônio, pois através da acessibilidade emocional foi possível resgatar um pouco da memória do lugar.

Com o desenvolvimento do trabalho tentamos demonstrar a importância da acessibilidade emocional, dentro de um conceito de acessibilidade plena, para a efetiva participação social dos idosos em suas comunidades. Além disso, trabalhamos no sentido de que esta participação se faz indispensável para a construção do percurso do museu, uma vez que a instituição se coloca como um agente no fortalecimento dos sentimentos de pertencimento e coletividade da comunidade em que se insere.

As análises aqui desenvolvidas mostram indícios de que esta comunidade extrapola os limites geográficos do bairro, estendendo sua atuação para limites históricos e imaginários. Posto que, "os lugares de memória não são aqueles dos quais nos lembramos, mas lá onde a memória trabalha" (NORA, 1993, p. 18), ao promovermos o percurso comentado com os participantes, foi possível que as memórias desse bairro imaginado viessem à superfície através da imersão nas ambiências, conformando espaços em lugares.

Para além disso, também foi possível identificar algumas outras características de cunho relacional com o substrato que evidenciaram tanto relações de poder, quanto sentimentos de liberdade. Tais apontamentos apareceram ligadas à diferentes fases de experiências dos participantes para com os espaços, mas desvelam relações a serem consideradas pelo percurso do museu enquanto possibilidade de diversificar e acolher as diferentes narrativas da história do bairro.

Enquanto descoberta das características físicas do espaço, o estudo se mostrou muito rico, fornecendo dados das percepções dos usuários. Tais dados fornecem base de complemento das características já levantadas pelas autoras, provendo informações que podem indicar caminhos no desenvolvimento de futuros projetos para o museu, corroborando com a pesquisa da autora.

Um exemplo que pode ser dado nesse sentido é a compreensão por parte das autoras de que o uso da bicicleta como veículo de locomoção - já observado no cotidiano da comunidade - é utilizado de forma corriqueira por ser tradicional, datando dos primórdios do núcleo colonial.

Como consideração final a este trabalho, destacamos o potencial do ambiente sensível promovido pelo percurso memorial para as pessoas que o acompanharam. No caso deste trabalho as autoras verificaram que tanto a sua percepção, quanto a do funcionário da Mitra que auxiliou em nosso acesso, sofreram influências das ambiências provocadas através dos relatos. Com relação às autoras, é possível afirmar que também elas se relacionaram de maneira afetiva com estes espaços, indicando que a promoção de acessibilidade emocional tem capacidade de incluir todas as pessoas na sensorialidade dos lugares.

Agradecimentos

Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES)- Código de Financiamento 001

Referências

BIRMAN J. *Futuro de todos nós: temporalidade, memória e terceira idade na psicanálise*. In: Veras RP, organizador. Terceira idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, UNATI-UERJ; 1995. p. 29-48.

CÂMARA Municipal de Duque de Caxias. *Lei 2.224 de 03 de novembro 2008*. 2008, v. 2008, p. 1-5, 2008.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: FFLCH, 2007.

COHEN, Regina; DUARTE, Cristiane Rose; BRASILEIRO, Alice. *Acessibilidade e*

Sensorialidade nas Ambiências Museais Brasileiras. In: II Seminário de Investigação em Museologia nos Países de Língua Portuguesa e Espanhola, 2011, Buenos Aires. O Pensamento Museológico Contemporâneo. Buenos Aires: Comitê Internacional do ICOM para a Museologia, v. 1. p. 187-201, 2010.

DUARTE, Cristiane Rose de Siqueira; COHEN, Regina. *Acessibilidade Emocional*. In: VII Encontro Nacional de Ergonomia do Ambiente Construído / VIII Seminário Brasileiro de Acessibilidade Integral, 2018, Fortaleza. Blucher Design Proceedings. São Paulo: Editora Blucher, 2018a. p. 6.

DUARTE, Cristiane Rose de Siqueira; COHEN, Regina. *Afeto e emoção - sentimentos e sensorialidade: as pessoas com deficiência em seus trajetos urbanos por algumas cidades – a realidade brasileira*. In: Revista do Centro de Pesquisa e Formação, n. 6, p. 86- 103, 2018b

DUARTE, Cristiane Rose de Siqueira; COHEN, Regina. *Subsídios metodológicos na construção de uma “acessibilidade plena”: produção da identidade e da subjetividade de pessoas com deficiência*. Instituto Benjamin Constant, Edição Especial nº 3, 2013. Acessado em 17 de jan. 2020. Online. Disponível em: <http://www.ibr.gov.br/revistas/271-edicao-especial-03-outubro-de-2013>.

DUARTE, Cristiane Rose de Siqueira. *Ambiência: por uma ciência do olhar sensível no espaço*. LASC-Laboratório de Pesquisa Arquitetura, Subjetividade e Cultura, 2013. Acesso em: 5 jan. 2020.

FERNANDES, Ana. *Cidades e Cultura: rompimento e promessa*. In: JEUDY, Henri Pirre; JACQUES Paola Berenstein. *Corpos e cenários urbanos : territórios urbanos*. Salvador : EDUFBA ; PPG-AU/FAUFBA, 2006. Capítulo 1, p. 51-66, 2006.

FERNANDES, Julieta Cristina. *Urbanismo e Envelhecimento - Algumas reflexões a partir da cidade de Uberlândia*. In: Caminhos da Geografia, Uberlândia, n. 1, p. 31- 49, 2000.

GOOGLEMAPS. *Mapa de Duque de Caxias*. Online. Acessado em 21 de jan 2020. Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/Duque+de+Caxias,+RJ/@-22.7219654,43.3278925,10012m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x9972edf8e838f5:0x672bb060c280a52a!8m2!3d-22.7862985!4d-43.3053106>.

IBGE. *Número de idosos cresce*. Online. Acessado em 14 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>.

INSTITUTO da Longevidade Mongeral Aegon. Online. Acessado em 14 de jan 2020. Disponível em: https://vivermais.cidadeselongevidade.org/home/#utm_source=o_globo&utm_medium=referral&utm_campaign=MesIdoso-2019-materia-globo.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro editora (5 eds.), 2011.

LEFEBVRE, Henri. *A produção do espaço*. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Online. Acessado em 14 de janeiro de 2020. Disponível em: https://gpect.files.wordpress.com/2014/06/henri_lefebvre-a-produc3a7c3a3o-do-espac3a7o.pdf.

LOUREIRO. Ione Andrade; SINAY, Maria C. F. et all. *Gestão da Saúde Pública para Idosos – O Caso do Município de Duque de Caxias-RJ*. In: Congresso de Administração sociedade e inovação, 2017, Petrópolis. Anais do XX CASI 2017, 2017. Online. Acessado em 22 de jan 2020. Disponível em: <https://even3.blob.core.windows.net/anais/62910.pdf>.

MENEZES, Cláudia Castellano. *Lugar de Orum e Ayê: ambiência, conflito e dinâmicas de apropriação do candomblé no espaço urbano público*. Tese de doutorado, Faculdade de Arquitetura. UFRJ. 2017.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *BVS - Ministério da Saúde - Dicas em Saúde. Ambiência*. Dicas em Saúde, 2009. Online. Acessado em 22 de jan 2020. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/dicas/170_ambiencia.html.

NORA, Pierre. *Entre Memória e História: A problemática dos Lugares*. In: Projeto História, São Paulo. N.10, p.7-28, 1993.

QUEIROGA, Eugenio Fernandes. *Dimensões públicas do espaço contemporâneo: resistências e transformações de territórios, paisagens e lugares urbanos brasileiros*. 2012. Tese de livre docência. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 1996.

THIBAUD, Jean-Paul. *A Cidade através dos Sentidos*. Cadernos PROARQ, v. 18, 2012. Online. Acessado em 17 de jan. 2020. Disponível em: http://cadernos.proarq.fau.ufrj.br/public/docs/Proarq18_ACidade_JeanThibaud.pdf.

THIBAUD, Jean-Paul. *Mouvement et perception des ambiances souterraines*. In: anais de la recherche urbaine, n° 71, p. 144-152, 1996.

THIBAUD, Jean-Paul. *Une approche des ambiances urbaines: le parcours commenté. In Espaces publics et cultures urbaines*. Paris, p. 257-270, 2002.

TUAN, Y. F. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.

UGLIONE, Paula; DUARTE, Cristiane. *Arquivos Urbanos: Memória e História na Cidade*. In: Quaderns de Psicologia, Barcelona, Vol. 13, No 1, 91-101, 2011.